

Sem risco espera mais

Outras pessoas que aguardam na fila de espera, mas que não correm risco de morrer, são ainda mais esquecidos pela rede pública de saúde. O eletricista Agildo de Souza Vilela, 62 anos, percorre uma verdadeira via-crúcis desde 2004 para tentar acabar com um problema que também o impede de trabalhar.

Agildo sofreu um grave acidente de trabalho, em 2004, quando consertava o sistema elétrico de uma residência. Ele caiu do alto de uma escada e sobre o próprio ombro, esfacelando um dos ossos da clavícula. Desde então, o eletricista não consegue mais erguer os braços. "Principalmente no frio, a dor é tão grande que não consigo dormir. Preciso colocar pinos para ter a articulação do ombro de volta", explicou.

■ Outra enfermidade

Agildo ainda sofre de epilepsia – doença que causa alteração na atividade do cérebro, temporária e reversível, que produz manifestações motoras e provoca convulsões – e precisa tomar muitos medicamentos.

"Desde que sofri o acidente tive que parar de trabalhar e todas as despesas ficaram por conta da minha mulher, que trabalha na Secretaria de Segurança", disse.

Agildo conta que fez uma peregrinação por quase todos os hospitais públicos do DF, sempre em vão.

Os médicos contam que para realizar a cirurgia é necessária uma máquina específica para colocar os pinos no ombro do eletricista.

"Nós sabemos que esse aparelho existe, mas como minha operação não é essencial para me manter vivo, estou encontrando muita dificuldade", explicou. O eletricista também tenta, por meio do Ministério Público conseguir que sua operação seja realizada. "Os promotores disseram que irão enviar um ofício ao hospital pedindo que a minha operação seja feita em caráter emergencial. Tenho esperança que tudo dará certo", espera o eletricista.